



O PRECONCEITO LINGUÍSTICO FACTOR DE EXCLUSÃO SOCIAL E ABANDONO ESCOLAR

| Tema: **Artigos** | Autor: **Gabriel - O NINGUÉM** |

A maneira qual tal falamos, as peculiaridades na produção sonora das sílabas, as construções sintáticas e mais são, no processo de ensino-aprendizagem, factores de avaliação para o melhoramento, para a evolução e para o alavancamento da estabilização linguístico-social. Entretanto, o não respeitar do direito natural de expressar-se é abruptamente um vício social o qual se devia ter tido em conta, ou melhor, para precisar isso, com efeito, importar-nos-ia dizer que a fala é um acto individualizante da pessoa humana, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, a personalidade, o ambiente sociocultural em que vive.

Ora, não poderá ser acto de desdém ouvir a fala doutrem. Tanto quanto se diga, não apelar aos requintes da persuasão falatória, nem aos ardis daquela aguçada retórica que Aristóteles chamava erística, não transfere nem interfere o grito da liberdade lógica de alguém poder expressar-se nos limites da moralidade pessoal, cuja qual manipulação psicológica inibe os mais sensíveis tecnicamente. Com toda a elevada candura, expelir afirmações maquiavélicas, numa linguagem arduamente enganosa, não nos dará o mérito da bela divindade linguística.

Para lá disso, entendemos que os professores devem ser as pontes de humanização para os alunos que desejam chegar a uma boa convivência entre colegas, direcção escolar e professores. A supremacia de uma língua em relação a outra é, infelizmente, um factor de descredilidade linguística. O mundo hoje

acha que a língua tal e X são superiores a essa, aquela ou aquela outra. Felizmente, Bagno transfere-nos a hegemonia sacerdotal da sabedoria linguística quando assevera que não há língua alguma que seja superior a outra, tampouco dominante doutra. Assim, necessário é que todas as manifestações linguísticas fossem postas no mesmo pé de igualdade que a dominante Língua Portuguesa ostenta no panorama linguístico do nosso país. Falamos exactamente das autóctones.

Parece ser não muito importante, mas, à medida que o tempo passa, esse comportamento preconceituoso afasta as pessoas de se socializarem com medo de serem tidas como as analfabetas ou indígenas ou, então, as menos escolarizadas. É, portanto, triste averiguar essas práticas nas escolas.

A escola, citando o consultor de Oratória Paulo Muanda, “deve ser tida não com a ideia de um «pensado acabado» que resulta da apropriação da mensagem fundamental das hermenêuticas vividas pelos alunos nas escolas público-privadas e essas impõem ao homem, que se assume como corpo finito movido por uma vontade, a dialéctica de atestação, do testemunho e da interpretação. A atestação expressa a confiança que a pessoa tem no seu modo de ser capaz de dizer aquilo que quer dizer, isto é, na sua capacidade de passar, por meio da vontade, da possibilidade do projecto à realidade da acção da fala. O limite da geografia intelectual da fala é o reconhecimento das divergências das falas” .

Quando ainda estudava, havia alguns professores e colegas zombando de quem tivesse uma realização linguística diferente da deles - aqueles colegas que tinham alguns problemas, por influência doutras línguas nativas, de prosódia ou dicção. Ainda o mesmo autor nos diz que na visão preconceituosa dos fenómenos da língua, a transformação de l em r nos encontros consonantais como em Crúdia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e, às vezes, é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que assim falam.

Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenómeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão. [Bagno, 1999, pg. 40] . Nas escolas, principalmente nas classes iniciais, há, entre os alunos, comportamentos, apreendido de casa, ou seja, meninos educados linguisticamente que falam melhores que outros. Neste caso, zombam doutros colegas, provocando, assim, um afastamento escolar por parte de quem se sente injustiçado linguisticamente. E esse afastamento, se não for detectado é que, desgraçadamente, causa a desistência ou abandono escolar. . Os professores, que seriam intermediários nessa luta, em instruir de que não há melhores no quesito linguístico de realização, são os mais que abonam, às vezes, tais práticas em sala de aula, rindo e deixando passar com facilidade tal tipo de agressão.

O contexto da produção dum enunciado oral muito vale para o julgamento prévio do falante, porém esse jamais deve ser o atestado de incompetência linguística. Todavia, a pluralidade de expressão é um ganho macro-histórico e social ao qual nos dignamente dirigimos. A influência geográfica, histórica ou social do indivíduo não poderá jamais ser o elemento definidor da sua ou não competência da língua. Portanto, o preconceito linguístico mata, porque é um problema humano o qual especial atenção merece. Não existirá um diminuído linguístico tanto quanto gostaríamos, por isso todos têm de intervir em busca duma solução permanente. Essa é uma questão que não deve ser escancarada friamente. Todos juntos podemos mudar o quadro.